



## CEMITÉRIO DE MARINGÁ ENQUANTO ESPAÇO DE SABERES HISTÓRICOS

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3894

Isabel Uliana, UEM

### Resumo

As fontes históricas são fundamentais não apenas para o trabalho do historiador, mas também para a aprendizagem histórica em sala de aula. Neste sentido, o presente trabalho tem como proposta analisar o Cemitério de Maringá (1942-2017) enquanto espaço de saberes históricos. Ao discutir o cemitério enquanto fonte para o ensino de história, objetiva-se compreender o mesmo como espaço de Memória e História a partir das diferentes expressões ali existentes: culturais, econômicas, políticas e religiosas, compreendendo-o, assim, como resultado de construção histórica. A abordagem inicial é realizada a partir das análises de Edgar Morin (1997) sobre as diferentes relações que o homem estabeleceu com a morte ao longo do tempo. Já as atitudes do homem diante da morte e o processo de secularização do cemitério têm como aporte as análises realizadas por Philippe Ariès (2003) e José João Reis (1991). Ambos proporcionam uma percepção histórica da morte. As discussões do cemitério enquanto fonte história, parte da análise dos trabalhos de Rodrigues (1997), Andrade (2010), Nogueira (2013) e Araújo (2013). Buscando problematizar novas perspectivas para o ensino de História, as contribuições teóricas de Le Goff (1982), Jörn Rüsen (2001), Marlene Cainelli (2006) são de grande relevância. E por fim, o cemitério é pensado como espaço de memória coletiva e individual, trazendo em evidência o morto ilustre Clodimar Pedrosa Lô, que devido a sua trágica morte se mantém “vivo” na memória dos maringaenses. Neste sentido, as obras de Maurice Halbwachs (1990), e Jacques Le Goff (1982), norteiam as interlocuções.

### Palavras Chave:

fonte histórica;  
cemitério; memória;  
consciência histórica;  
História.

## Introdução

O presente trabalho está relacionado ao Programa Profhistória, tendo como Linha de Pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória. Objetivando um desenvolvimento teórico/metodológico que atenda a prática de sala de aula, optou-se em desenvolver uma pesquisa que não apenas redimensione a prática pedagógica, mas também que resulte em uma mudança nas ações dos alunos quanto ao seu papel social, promovendo um novo olhar para as fontes históricas e sua importância no processo histórico.

Pensar no processo de aprendizagem que envolva não apenas o espaço escolar, mas que ultrapasse esse limite e abarque espaços diferentes enquanto representação do passado, significa romper com a visão de um conhecimento histórico construído somente por meio de fontes escritas. Neste sentido, objetiva-se um ensino que problematize as questões históricas postas, propiciando a ação crítica dos alunos tendo como objeto de estudo da História “[...] os processos históricos relativos às ações e às relações humanas praticadas no tempo, bem como a respectiva significação atribuída aos sujeitos, tendo ou não consciência dessas ações.” (PARANÁ, 46).

No caso específico deste trabalho, a análise se constituirá acerca dos cemitérios como espaço de saberes históricos.

Proponho-me aqui extrair as consequências mais interessantes deste deslocamento de ponto de vista no que diz respeito à relação entre a memória e a história. Se a tratarmos de um modo não linear mas circular, a memória pode aparecer duas vezes ao longo da nossa análise: antes de mais, como matriz da história, se nos colocarmos no ponto de vista da escrita da história, depois como

canal da reapropriação do passado histórico tal como nos é narrado pelos relatos históricos. Mas esta modificação do ponto de vista não implica que abandonemos a descrição fenomenológica da memória em si, seja qual for a sua ligação com a história. Não poderíamos falar seriamente da reapropriação do passado histórico efectuado pela memória, se não tivéssemos, considerado previamente, os enigmas que incomodam o processo da memória enquanto tal. (RICOUER, 2003, p. 1-2).

A partir do trabalho de análise do cemitério enquanto fonte histórica, pretende-se também realizar uma leitura díspar da concepção que se tem sobre o passado e sua relação com o presente, isto é, não como dois momentos distintos, mas sempre em um diálogo constante e necessário para interpretar ações dos sujeitos históricos em diferentes contextos.

Compreender o cemitério como resultado de uma construção histórica, possibilita também pensar acerca construção da memória individual e coletiva que se tem em relação à morte, sendo que por vezes essa visão é tida como única e verdadeira (LE GOFF, 1982).

A proposta de trabalho visa atender as discussões contempladas nas Diretrizes Curriculares de História onde aponta que a “[...] a consciência histórica é uma condição para a existência do pensamento humano.” (PARANÁ, p. 52, 2008).

Pensar o cemitério enquanto objeto histórico de análise, isto é, enquanto espaço de saberes históricos, representa propor um ensino de História sob nova perspectiva “[...] consciente que aquele passado pesquisado não trará a verdade absoluta sobre o fato, que o Conhecimento Histórico, produto de diversas pesquisas historiográficas, não é único e definitivo, foi produzido pelo

homem e está passivo de subjetividade por mais objetivo que tente ser.” (CAINELLI, 2008, p. 147).

Assim, de acordo com Cainelli,

Uma nova concepção de documento histórico implica, necessariamente, repensar seu uso em sala de aula, já que sua utilização hoje é indispensável como fundamento do método de ensino, principalmente porque permite o diálogo do aluno com realidades passadas e desenvolve o sentido da análise histórica. O contato com as fontes históricas facilita a familiarização do aluno com formas de representação das realidades do passado e do presente, habituando-o a associar o conceito histórico à análise que o origina e fortalecendo sua capacidade de raciocinar baseado em uma situação dada. (CAINELLI, 2006, p. 116).

## Objetivos

- Compreender o cemitério Municipal de Maringá como espaço de Memória e História.
- Analisar as práticas culturais associadas ao morto ilustre Clodimar Pedrosa Lô.
- Relacionar o cemitério enquanto espaço de memória ao ensino de História.

## Novos olhares sobre a morte e o cemitério

Ao tomar o Cemitério de Maringá como fonte histórica, faz-se necessário realizar uma abordagem que aponte a relação que o indivíduo estabelece com a morte ao longo do tempo. Inúmeros estudos de diferentes áreas se debruçaram, e ainda se debruçam sobre essa árdua tarefa de buscar refletir sobre a única certeza que os seres humanos tem: a morte.

Na atualidade é perceptível que o ser humano busca cada vez mais se distanciar ou prorrogar a chegada da morte. Mas como se deu essa relação em outros tempos? Cada sociedade possui características próprias de lidar com a morte. As ações dos seres humanos diante da morte estão associadas à visão que cada momento histórico construiu quanto a esse fenômeno, que não distingue os sujeitos, seja culturalmente ou economicamente.

Morin, evidencia que ocorreram mudanças significativas na forma como ao homem se relaciona com a morte. Essa mudanças norteiam as ações dos indivíduos na sociedade. “A sociedade funciona não apenas apesar da morte e contra a morte [...] mas também que só existe enquanto organização pela morte, com a morte e na morte” (MORIN, 1988, p. 10).

Assim, é importante compreender que a interpretação e a compreensão que ocorre entre o homem e a morte é uma construção cultural.

De acordo com Morin (1988) “É impossível conhecer o homem sem lhe estudar a morte, porque, talvez mais do que na vida, é na morte que o homem se revela. É nas suas atitudes e crenças perante a morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental.” (MORIN, 1998, p. 15).

E continua: “O movimento da evolução humana [...] tende não somente para a igualdade, individualidade perante a morte, como também e, pôr, na sua nudez, na sua claridade total, o problema do indivíduo perante a morte”. (MORIN, 1988, p. 52).

Neste sentido, o pensar no agir humano frente à morte, possibilita pensar em outra ação humana: a prática do sepultamento e os significados que esse exerceu nos diferentes períodos históricos.

O sepultamento oferece ao morto um espaço que lhe é próprio. Sua

morada eterna. O sepultamento proporciona ao morto uma extensão da vida para além da morte, uma forma de eternizar sua existência. Morin assinala que, dar ao morto um domicílio, pode haver muitas representações, como estender para além da morte a desigualdade presente no mundo dos vivos. “A casa do morto é o reflexo da casa dos vivos”. (MORIN, 1988 p.10).

Philippe Áries (2003) ao discutir sobre a História da morte no Ocidente, aponta que esta pode até parecer imóvel, mas passa por transformações. A morte foi pública, privada, esperada, ignorada, respeitada, enfim, a visão que se construiu a respeito deste acontecimento inevitável na vida humana, se modificou assim como os indivíduos das diferentes sociedades também se modificaram. Analisando a morte a partir de Áries, Andrade afirma que “A forma como ela é encarada hoje é muito recente, nos leva a afirmar que percepção que temos da morte é histórica e depende do contexto social e cultural em que está inserida.” (ANDRADE, 2008, p. 4).

Essa mudança de olhar também está presente na sociedade em relação aos cemitérios, como esses foram sendo vistos pelos indivíduos ao longo do tempo. Áries destaca que “[...]. O século XIX é a época dos lutos. [...]. A morte temida não é mais a morte própria, mas a morte do outro. Esse sentimento é a origem do culto moderno dos túmulos e dos cemitérios.” (ARIÈS, 2003 p. 72).

Essa nova forma de expressar o sentimento pode estar relacionado ao caráter religioso que se atribuiu aos cemitérios na atualidade. Espaço secular, palco de diversas atitudes de devoção, mas não somente. Outras experiências, práticas cotidianas também se expressam, tornando as cidades dos mortos, semelhantes às cidades dos vivos.

Muitas práticas que os indivíduos têm em relação aos cemitérios hoje não correspondem às práticas de outros momentos históricos. Conforme

aponta Áries (2003), as atitudes mentais dos seres humanos mudaram e “Os túmulos tornaram-se signos de sua presença para além da morte” (ARIÈS, 2003, p. 74). Assim.

É preciso admitir como princípio político fundamental que o cemitério, ao menos tanto quanto a casa comum, a escola ou o templo, é um dos elementos integrantes da agregação das famílias e das municipalidades e que, conseqüentemente, na poderia haver cidades sem cemitérios. (ARIÈS, 2003, p. 211).

É possível contextualizar a história da morte no Brasil, com as discussões realizadas por José João dos Reis (1991). A arte de morrer passou por transformações seguindo o modelo europeu, mas dotada de características próprias, resultantes da diversidade da população brasileira. “Era uma morte marcada por uma extraordinária mobilização ritual, coerente com um catolicismo que enfatizava as manifestações exteriores de religiosidade: a pompa, as procissões festivas, a decoração elaborada dos templos”. (REIS, 1991, p.91).

Por um longo período no Brasil enterrava-se nas proximidades das igrejas. “Ser enterrado próximo aos altares era um privilégio e uma segurança mais para a alma. [...]”. (REIS, 1991, p. 176). Entretanto, mesmo no momento do enterro havia a estratificação social. O local e a forma da sepultura dependiam da condição social, mas era desejo de todos serem enterrados próximo às igrejas. O enterro em cemitérios fora das igrejas era para os considerados impuros da sociedade. (REIS, 1991).

A preocupação com a situação dos enterros nas proximidades das igrejas no Brasil data do final do século XVIII, acentuando-se no século seguinte. Tornou-se um problema de saúde pública. “Para os médicos, a localização ideal dos cemitérios seria fora da cidade

longe de fonte d'água, em terrenos altos e arejados, onde os ventos não soprassem sobre a cidade.” (REIS, 1991, p. 260).

Assim, os cemitérios passaram a ocupar um espaço fora das igrejas. Pode-se afirmar, de acordo com Reis (1991), que a defesa de parte de alguns grupos para a transferência dos cemitérios e da oposição de outros, representou um conflito entre as mentalidades da época. O mundo dos vivos e o mundo dos mortos disputavam espaços, e eram resultados de choques de interesses. Todavia, os novos cemitérios continuavam classificando de acordo com as condições sociais.

Pensando nas contribuições por parte desses autores, o cemitério representa, entre outras características que lhes são próprias, a possibilidade de estudo da cultura material, relacionando-a ainda a elementos que propiciam a compreensão de questões econômicas, políticas e religiosas.

A história se faz presente no espaço do cemitério. As mudanças históricas estão lá se manifestando de diferentes maneiras, seja por meio das construções dos túmulos, seja nas fotografias, nos dizeres que estão presentes, perpetuando assim a memória dos que se foram.

O cemitério é o espaço dos mortos, mas nitidamente um espaço de práticas dos vivos. Representa a manifestação de diferentes épocas contidas no mesmo espaço. A compreensão em relação à construção dos cemitérios enquanto espaço de moradias para os mortos requer um debate histórico.

Dialogando com alguns autores, é possível observar os diversos olhares que são dirigidos ao cemitério.

A construção deste espaço não é algo simples, como aponta Rodrigues:

Transformar as atitudes costumeiras diante da morte, em

uma determinada passagem aflora a ideia da sacralidade das sepulturas, evidenciando que, apesar de seu discurso secularizante, quanto a alguns dos costumes fúnebres, fica patente a manutenção de uma referência cristã: os lugares dos mortos, ainda que devendo ser removidos da vizinhança dos vivos, deveriam manter-se como sagrados. Por mais que um novo discurso surja, as pessoas não se desfazem, de uma hora para outra, das antigas ideias. (RODRIGUES, 1997 p.62)

Há muitas práticas, muitos ritos, muitas memórias presentes que podem ser visualizadas pelo historiador que aborde esse material cultural não para confirmar verdades pré-estabelecidas, mas sim com perguntas, com questionamentos que oportunizem a pesquisa.

Araújo (2013) apresenta os cemitérios como um espaço onde é possível observar elementos diversos da sociedade, como também é um local de preservação da memória. “O cemitério antes de tudo é uma forma de preservação da memória particular e coletiva dos indivíduos de uma região. Todos os túmulos erigidos são propriamente uma forma de preservação desta memória.” (ARAÚJO, 2013, p.2).

As discussões realizadas por Nogueira (2013), apontam que o posicionamento dos indivíduos perante a morte passou por transformações ao longo do tempo, modificando conjuntamente a relação entre os vivos e os mortos e as construções dos túmulos. Diante dessas alterações, novos olhares se lançaram sobre o cemitério, como por exemplo, o olhar dos arquitetos.

Assim, os cemitérios

Demonstram também o percurso artístico percorrido pela sociedade que balizava as construções tumulares, permitindo o conhecimento da formação étnica

do município e o conhecimento da expectativa de vida populacional, propiciando a possibilidade de estudos genealógicos. (NOGUEIRA, 2013, p.16).

### **O Cemitério municipal de Maringá e o morto ilustre Clodimar Pedrosa Lô**

Tomar o cemitério de Maringá enquanto objeto de estudo, enquanto espaço de memória, significa não vê-lo apenas com o olhar comum, isto é, como um espaço de descanso eterno dos mortos, mas é possível ir muito além desta definição.

O Cemitério Municipal de Maringá foi fundado no ano de 1946, sendo que os primeiros registros datam de 1947. Anterior a este período não há registros do local exato onde as pessoas teriam sido sepultadas. Atualmente o cemitério é composto por aproximadamente 28000 túmulos e 80000 indivíduos sepultados.

É neste espaço que se processa a interação entre a vida e a morte, entre os vivos e os mortos.

Andrade descreve o cemitério como “Espaço de liminaridade, no qual se entrecruzam o sagrado e o profano, o Dia de Finados resume esse encontro de maneira paradigmática.” (ANDRADE, 2010, p. 4). Essa data é importante, pois transparece dessa forma, que no espaço do cemitério prevalece uma memória coletiva e, ao mesmo tempo, individual, à medida que os vivos homenageiam seus mortos. Pode-se considerar que grande parte das pessoas que visitam esse espaço o faz em memória de alguém, de um ente querido. De acordo com Andrade

Entrar no cemitério é sair do mundo comum, cotidiano e profano e aproximar-se do além. É introduzir-se numa dimensão sagrada, ao lado dos vendedores de velas, das flanelinhas e dos

vendedores de flores. Esse “campo santo” guarda os mistérios daquilo que queremos esquecer: o fato de que um dia morreremos. (ANDRADE, 2010, p. 4)

Da mesma maneira, já apontava Eliade ao analisar o sagrado, como este influencia os indivíduos, pois “o homem toma conhecimento do sagrado porque esse se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. [...] de algo que não pertence ao nosso mundo.” (ELIADE, 1992. p. 13).

Percebemos essa manifestação, no Cemitério Municipal de Maringá, por meio de um túmulo muito visitado. Trata-se do morto ilustre Clodimar Pedrosa Lô, adolescente nordestino que veio à Maringá a procura de trabalho na década de 60, período esse que Maringá ainda estava em processo de construção e o Brasil vivia o contexto da ditadura militar. Clodimar trabalhava como carregador de bagagens no Hotel Palace e foi acusado de roubo pelo gerente do hotel, Atílio Farris.

Clodimar Predosa Lô foi preso e torturado

[...] vitimado por queimaduras de cigarros, furadas de agulha sob as unhas, beliscões de alicate por todo o corpo, inclusive prensa nos órgãos genitais e coronhadas de revolver na cabeça. Era Lô um garoto menor de idade e já sofria maltratos no pau-de-arara, choques elétricos entre outras torturas terríveis. Até mesmo taras sexuais eram praticadas por aqueles vermes. Foi uma noite infinda para aquele jovem adolescente. (DINIZ, 1983, p.32.)

Morto, após tamanha violência, a morte de Clodimar teve grande repercussão na cidade, causando revolta na população que passou após o seu sepultamento a visitar o seu túmulo maciçamente. Logo nos primeiros anos da morte de Clodimar o túmulo tornou-se frequentado por pessoas de todas as

idades que lhes ofereciam flores, ascendiam velas e faziam pedidos. Clodimar tornou-se para a população um “santo”. A santificação de Lô esteve associada à morte trágica a qual ele havia sido submetido, esta santificação estaria relacionada a forma de preservação de sua memória.

Crianças, jovens e adultos visitam seu túmulo e, apesar de não existir procedimento administrativo para a organização da fila, esta ordem predomina e todos querem acessar o túmulo pelo lado direito, para tocarem a foto de Clodimar. Ali param, rezam rapidamente, fazem o sinal da cruz e saem. (ANDRADE, SERAFIM, 2010, p.16).

Pensar o caso de Clodimar Pedrosa Lô e o Cemitério Municipal de Maringá, portanto, encontram subsídios no que indica Le Goff (1982) em seu livro *História e Memória*. Para o autor, o passado seria resultado dos documentos, dos vestígios que foram preservados. São esses vestígios que chegaram até o presente que oportunizam realizar uma observação do passado e a problematizá-lo. (LE GOFF, 1982).

Para Le Goff (1982) a memória histórica é um dos objetos da história. O significado, a representação que o cemitério passou a ter ao longo do tempo está associada a memória coletiva ou individual dos sujeitos dos diferentes momentos históricos.

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1982 p.422).

Observar os túmulos e devoções presentes no cemitério permite investigar

a memória que se pretende preservar com estes elementos. São fontes de informações, dotados de uma função social. O cemitério pode ser pensado como um documento/monumento, pois “[...], é um sinal do passado [...], é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, [...]” (LE GOFF, 1982, p. 526).

O cemitério como espaço de saberes históricos, isto é, local de memória que influencia e é influenciado pela sociedade e ao mesmo tempo deixa transparecer características marcantes de um grupo, de uma sociedade que encontra respaldo nas palavras de Habwachs: “As cidades se transformam no curso da história”.

E Continua: “Mas a intenção dos homens antigos tomou corpo num arranjo material, em uma coisa, e a força da tradição local vem dessa coisa, da qual ela era a imagem.” (HABWACHS, 1990, p. 162-163).

## Referências

- ARAÚJO, Thiago Nicolau de. *Túmulos Celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889 – 1930)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.
- ÁRIES, Philippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, vol. 1. 2003.
- ANDRADE, Solange Ramos de; SERAFIM, Vanda Fortuna. *A religiosidade católica e seus santos: o Cemitério Municipal de Maringá (PR) como espaço de devoção*. 2010.
- ANDRADE, Solange Ramos de. *O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo*. 2010.
- DINIZ, Eliel. *Lô*. São Paulo, E.D.X., 1983
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. 1. ed. São Paulo (SP): Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: São Paulo: Centauro Editora, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1982.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. 1987. Rio de Janeiro: Imago

NOGUEIRA, Renata de Souza. **Quando um cemitério é patrimônio cultural**. Rio de Janeiro, 2013. 126f Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

RICOUER, Paul. **Memória, história, esquecimento**, 2003. Disponível em: <[http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos\\_disponiveis\\_online/pdf/memoria\\_historia](http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia)> Acesso: 27/09/2017.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres na Corte**. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Divisão de Editoração. Coleção Biblioteca Carioca, 1997.

SECRETARIA de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes curriculares da Educação Fundamental da rede de Educação Básica do Estado do Paraná**. Curitiba: SEED-PR, 2005.